



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

MONOGAMIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: REFLEXÕES A PARTIR DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Eixo Temático 29 - O patriarcado no capitalismo e o uso da violência no controle dos corpos das mulheres

Bianca Longhitano¹
Brenda Sayuri Tanaka²
Ana Cláudia Bortolozzi³

RESUMO

A monogamia pode ser definida por meio da não concomitância de relações românticas como critério de fidelidade. Somada à ideia de amor romântico, relaciona-se às situações de violência de gênero, como o feminicídio. Este trabalho teve por objetivo explorar o conceito de monogamia e identificar formas de trabalhar a temática na educação sexual formal. Pensa-se a Educação Sexual Formal enquanto processo de ensino e reflexão sobre sexualidade que é planejado, com objetivos específicos e visando a promoção de autonomia e emancipação. Possibilitar espaços de debates e a troca de informações objetivas e confiáveis tem potencial de prevenir situações de violência em relacionamentos, auxiliar na identificação dos modelos relacionais e possibilitar escolhas mais conscientes.

Palavras-chave: Monogamia, relacionamentos, violência, educação sexual.

¹ Psicóloga graduada pela UNESP - Bauru, mestra e doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela mesma universidade, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GEPESec), bianca.longhitano@unesp.br;

² Psicóloga graduada pela UNESP - Bauru, mestra e doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela mesma universidade, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GEPESec), brenda.s.tanaka@unesp.br;

³ Prof. Associada e Livre Docente no Departamento de Psicologia da UNESP - Bauru, líder do Grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GEPESec), claudia.bortolozzi@unesp.br;



INTRODUÇÃO

A monogamia pode ser definida pela não concomitância de relações românticas como critério de fidelidade, sendo este critério o ponto central da prática relacional. O critério de fidelidade, então, gera a expectativa de ambos os parceiros de que não haverá concomitância de relações, mas essa expectativa pode ser frustrada sem que a relação deixe de ser monogâmica (Nuñez, 2021).

Estima-se que a monogamia teve início junto com o surgimento da propriedade privada, sendo que esta última gerou uma nova preocupação relacionada à herança e hereditariedade. Nesse momento histórico, há uma ressaltada importância do controle dos corpos femininos, já que se sabe qual a mãe da criança, mas verifica-se também a necessidade em garantir a parentalidade para possibilitar que os bens sejam passados de pais para filhos (Engels, 2014).

Com a peste negra na Europa, também houve uma busca pelo aumento e controle da natalidade, proibindo abortos e medicinas ancestrais femininas, impedindo as reuniões entre mulheres e potencializando a norma de mulher enquanto esposa e mãe, individualizada e restrita ao espaço doméstico (Federici, 2017). Também foi nesse momento em que o cristianismo ganha espaço e relevância, tornando-se muito presente no processo colonizador. O cristianismo traz muitas regras e busca não só o controle generalizado dos corpos e relacionamentos, mas também da sexualidade, nomeando como o sexo deve ser feito, quais as posições permitidas e proibidas e em quais situações, além de excluir, marginalizar e punir sexualidades dissidentes (Araújo, 2002).

Posteriormente, no início do processo colonizador, a monogamia não era comum entre povos originários do Brasil, que desconheciam inclusive a palavra “posse”, tanto de coisas como de pessoas. O processo jesuítico buscou apagar a cultura dos povos originários já presentes no território brasileiro e impor a sua norma ligada fortemente à cristianização e ao controle de corpos, exigindo, por exemplo, o uso de roupas, o batismo e normalizando uma única forma possível de ser e exercer a sexualidade e os relacionamentos. É notório que os povos originários não aceitaram de bom grado tais imposições, mas foram coagidos através da violência, do genocídio indígena e da escravidão (Nuñez, 2021).



Com o passar do tempo, a educação em sexualidade ganhou mais espaço, também com uma despopularização do cristianismo, sendo necessário o surgimento de outras tecnologias de gênero (conceito cunhado por Lauretis, em 1987, para se referir às estratégias culturais de imposição de papéis rígidos de gênero), para o controle de corpos femininos. Com o Romantismo, inventa-se a ideia do amor romântico, que é baseado na monogamia e que atrela grandes sacrifícios, dependência emocional, assim como a ideia de almas gêmeas (Longhitano, 2023).

Tendo em vista este breve panorama histórico sobre o conceito de monogamia, é possível estabelecer relações com a noção de violência de gênero, compreendida enquanto o uso da violência por parte dos homens, no exercício de seu poder patriarcal, como forma de punir o que por eles é considerado enquanto desviante das normas socialmente estabelecidas (Saffioti, 2001). Dados que corroboram a relação entre monogamia e violência de gênero podem ser encontrados no 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024), ao apontar que, dos casos de feminicídios registrados no ano de 2023, 63% foram cometidos por parceiro íntimo e 21,2% por ex-parceiro íntimo.

Dessa forma, este trabalho teve por objetivo explorar o conceito de monogamia e identificar formas de trabalhar a temática na educação sexual formal. Compreende-se a educação sexual enquanto os processos de aprendizagem sobre sexualidade que ocorrem ao longo do desenvolvimento, levando à constituição de concepções e valores. Esses processos ocorrem tanto de maneira informal, por meio das interações sociais em diferentes contextos (família, amigos, relações afetivo-sexuais, mídia, etc.), quanto de maneira formal em situações de ensino previamente planejadas e que visam a promoção de reflexão, autonomia e emancipação (Maia; Ribeiro, 2011).

Acredita-se que a educação sexual formal é um valioso instrumento de intervenção e prevenção, pela possibilidade de proporcionar um espaço de conscientização e ressignificação dos valores socialmente instituídos sobre sexualidade que acarretam no controle e assujeitamento dos indivíduos às normas impostas.

METODOLOGIA

Partindo do referencial teórico da Educação Sexual anteriormente exposto, este trabalho possui delineamento bibliográfico e trata-se de uma revisão narrativa da literatura (Cordeiro et al., 2007; Rother, 2007). Para a seleção do material, foram

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Corpo e Sustentabilidade

selecionados estudos produzidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPSEEC) das autoras fazem parte, cujo tema versava sobre relacionamentos e/ou violência de gênero.

Quanto ao procedimento de análise, elegeu-se o método de análise de conteúdo (Bardin, 2016; Bortolozzi, 2024), que prevê o agrupamento de unidades de análise a partir da identificação de similaridades temáticas. Foram determinadas categorias previamente estabelecidas (Câmara, 2013; Castro; Abs; Sarriera, 2011) para a análise do material encontrado, sendo elas: (1) educação sexual informal e (2) educação sexual formal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educação sexual informal

A educação sexual informal é toda e qualquer educação sobre sexualidade que não foi planejada e estruturada a partir de objetivos. É um processo no qual todos estamos expostos, ocorrendo por meio de arte, imagens, filmes, propagandas, presentes na família, na escola, na igreja e em outras instâncias sociais e acontece desde antes do nascimento, até nossa morte, modelando nossas expectativas e ações, pensamentos e sentimentos a partir da construção de valores (Maia et. al, 2020).

As trocas de informações na escola entre amigos, por exemplo, vão ser influenciadas pela aprendizagem obtida através da família de cada um dos membros do grupo, podendo ser bastante diversa e confusa. Não há como garantir que as informações obtidas dessa forma sejam de fato baseadas na ciência e nos direitos sexuais e reprodutivos.

Os modelos fornecidos pela mídia, porém, seguem um certo padrão, o padrão heteronormativo, monogâmico e super romântico. É fácil pensar nas comédias românticas e entender que esse modelo pode facilitar certos tipos de violência, já que são guiados pelo amor romântico e por ideias de sacrifício, devoção e dependência emocional, além de propagação de papéis de gênero rígidos, fatores de risco para relacionamentos abusivos (Longhitano, 2023).

Educação sexual formal

⁴ Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura” (GEPSEEC).

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde da Juventude

Nesta categoria foram agrupados os trabalhos apresentados em algum modo, apresentam

informações sobre relacionamentos e violência de gênero, aplicadas a educação sexual formal. Considerando a violência contra as mulheres enquanto um fenômeno de ordem social, as estratégias de educação sexual formal buscam a modificação de concepções e comportamentos sobre aspectos do âmbito da sexualidade, tendo em vista a promoção de reflexões críticas sobre diversidade e igualdade de gênero, relacionamentos e consentimento, violência e rede de apoio (Tanaka, 2023).

No capítulo de livro intitulado “Projeto de intervenção: educação sexual preventiva para mulheres referenciadas nos CRAS de Bauru - SP”, Otani e Buck (2022) relatam práticas interventivas com grupos de mulheres vinculadas ao Centro de Referência de Assistência Social, instituição voltada para a atenção das demandas sociais de populações em situação de vulnerabilidade. Dentre os objetivos das práticas interventivas, encontrava-se a prevenção de relacionamentos abusivos. Os temas trabalhados durante os encontros foram: amor romântico e conjugalidade, a violência contra a mulher nas relações conjugais, fortalecimento das redes de apoio e comunicação assertiva na relação conjugal.

Por sua vez, Freitas e Gonçalves (2020) vão debater diferentes possibilidades de discutir junto a adolescentes o tema dos relacionamentos abusivos, com intuito preventivo. Essa discussão pode ser empreendida desde o uso de materiais informativos, como cartilhas, até a realização de dinâmicas grupais: levantamento de dados, definição e identificação de relacionamento abusivo (categorização de ações violentas no namoro), treinamento de comportamentos preventivos (repertórios que possam ser úteis em situações de conflitos em relacionamentos), além da identificação de fatores pessoais de grande importância que não devem ser abandonados em função de relacionamentos amorosos.

Outro relato de experiência sobre práticas realizadas com adolescentes é feito por Tanaka, Buck e Bortolozzi (2022) que promoveram uma palestra para o “Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra as Mulheres” em uma instituição filantrópica. Os conteúdos trabalhados durante a palestra foram: definição da violência, de seus tipos (física, psicológica, moral, patrimonial, conjugal, doméstica e sexual), assim como do ciclo da violência; estatísticas da incidência de violência contra mulheres no Brasil, com perguntas norteadoras; situações fictícias para identificação da violência e informações sobre a Lei Maria da Penha. Apontamentos foram levantados



Assim, é possível notar que o trabalho no campo da educação sexual formal abarca o debate sobre relacionamentos e monogamia, enquanto maneira de prevenir a violência de gênero (principalmente aquela cometida por parceiro íntimo contra mulheres), o que pode ser realizado de diferentes maneira e com diversos públicos (desde adolescentes a mulheres adultas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão dos relacionamentos amorosos está sempre presente nos programas de educação sexual quando se fala de outras temáticas, principalmente relacionadas aos conteúdos comuns e mais “biológicos” como reprodução, gravidez, contracepção, infecções sexualmente transmissíveis, etc. Geralmente, nesses relacionamentos, os vínculos amorosos aparecem como cisheteronormativos e os relacionamentos sempre monogâmicos, quando não pautados exclusivamente em ideais românticos.

Discutir e problematizar a diversidade de relacionamentos é uma tarefa importante nos espaços formais de educação sexual para ampliar diferentes pontos de vista de expressões humanas de se relacionar, para aumentar o respeito à diversidade e para refletir sobre possíveis relacionamentos em que padrões podem gerar opressões e violências.

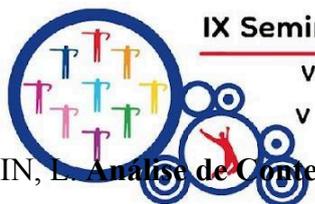
Intervenções em educação sexual formal tem grande potencial de prevenir situações de violência em relacionamentos e também auxiliar na identificação dos modelos relacionais, apontando seus fatores de risco e proteção, bem como possibilitando uma escolha mais consciente.

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura” (GEPESSEC/UNESP) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências (UNESP).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.** v. 22, n.2, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BORTOLOZZI, A. C. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa**: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – manual didático. 2. ed. Versão Revista e ampliada. Araraquara/SP: Padu Aragon, 2024.

BORTOLOZZI, A. C.; PASTANA, M.; CARVALHO, L. R. S.; Educação sexual na vida e nas escolas. In: BORTOLOZZI, A.C. (Org). **Educação sexual com e para adolescentes**: aspectos teóricos e práticos. Araraquara, SP: Padu Aragon, 2020.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas as organizações, **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, n. 6, v. 2, p. 179-191, 2013.

CASTRO, T. G. de; ABS, D.; SARRIERA, J. C. Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 4, p. 814-825, 2011.

CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M. de; RENTERÍA, J. M.; GUIMARÃES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões** [periódico na Internet], v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax, Editora Elefante, 2017, 464 p.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 22 maio 2025.

FREITAS, B. F. M. de; GONÇALVES, G. B. Prevenção contra vivências e relacionamentos abusivos. In: BORTOLOZZI, A.C. (Org). **Educação sexual com e para adolescentes**: aspectos teóricos e práticos. Araraquara, SP: Padu Aragon, 2020.

LONGHITANO, B. **Relacionamentos Não Monogâmicos**: uma análise a partir de relatos. 149 f. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Ciências, UNESP, 2023.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. **Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v. 15, p. 41-51, 2011.

NÚÑEZ, G. **Descolonizando afetos**: Experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Paidós, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: Ação e produção de evidência. Organização Pan-Americana de Saúde, 2012.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

OTANI, I. T.; BUCK, M. C. Projeto de intervenção sexual preventiva para mulheres referenciadas nos CRAS de Bauru – SP. In: BORTOLOZZI, A. C.; DE CARVALHO, L. R. S.; NAVEGA, D. A. (Orgs.) **Educação sexual e a prevenção contra violências**. 1. ed. Araraquara, SP: Padu Aragon, 2022.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, s/p, jun., 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 16: p. 115-136, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>.

TANAKA, B. S. Violência contra as mulheres: prevenção e promoção de saúde. In: CARVALHO, L. R. S. de; NAVEGA, D. de. A.; BORTOLOZZI, A. C. (Orgs.) **Discussões em Educação Sexual: Gênero e Saúde**. 1. ed. Araraquara, SP: Padu Aragon Editor, 2023.

TANAKA, B. S.; BUCK, M. C.; BORTOLOZZI, A. C. Debate sobre violência contra mulheres junto a adolescentes: um relato de experiência. **Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade...** Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/87502>.